



IDENTIDADE E LUDICIDADE: UMA EXPERIÊNCIA DE ESTÁGIO NO CENTRO DE CONVIVÊNCIA E FORTALECIMENTO DE VÍNCULOS DE PALMAS DE MONTE ALTO – BA

Flávia Kamila Malheiros Azevedo dos Santos

Giovane De Almeida Pereira

Raylany Ramos Rodrigues

Sirlene Prates Costa Teixeira

Resumo: O presente trabalho traz uma experiência vivenciada através do componente curricular Pesquisa e Estágio em Espaços não escolares, do curso de Pedagogia, da Universidade do Estado da Bahia, Campus XII. Buscou-se compreender como estão organizadas as práticas educativas no contexto do Centro de Convivência e Fortalecimentos de Vínculos de Palmas de Monte Alto-BA. A partir da observação participante e do diário de campo para produção dos dados, foi desenvolvido um plano de ação com a temática identidade e ludicidade. Os resultados da pesquisa, de abordagem qualitativa, apontam a importância de compreender o estágio como pesquisa, levando em consideração as especificidades e necessidades de cada espaço e sujeitos, possibilitando apresentá-los uma outra perspectiva de vida e de educação. A interação ressaltou que a presença de pedagogos (as) em espaços educativos não escolares é ainda incomum, embora tenha se mostrado valiosa e enriquecedora para esses.

Palavras-chave: Centro de Convivência e Fortalecimento de Vínculos. Educação Não Escolar. Identidade. Ludicidade.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta algumas reflexões acerca da experiência de estágio que aconteceu no Centro de Convivência e Fortalecimentos de Vínculos – CCFV, de Palmas de Monte Alto-BA.

Compreendemos o estágio como espaço de suma importância para o desenvolvimento de umas práxis, bem como para a formação de pedagogos/as. Pimenta e Lima (2011) propõem o estágio como uma atitude de investigação, que é refletida e só então pode atuar na vida dos sujeitos que a vivenciam.

Pensar o estágio como uma atividade de pesquisa, principalmente em espaços não escolares, nos possibilita compreender a educação em sentido mais amplo, Brandão (2007)



afirma que toda ação educativa é desenvolvida em um meio, e esse não se limita à escola, mas envolve qualquer lugar em que há vida e sujeitos humanos dispostos a aprender e ensinar.

O CCFV, em Palmas de Monte Alto-BA oferece uma variedade de oficinas que oportunizam a interação e aprendizado, favorecendo o desenvolvimento individual, social, cultural e comunitário de seus participantes. Essas práticas facilitam a expressão pessoal, o reconhecimento, por parte dos sujeitos, de suas habilidades e a construção da identidade, podendo promover um senso de pertencimento, de valorização pessoal e grupal.

A construção identitária acontece, pois há um momento onde as subjetividades de cada indivíduo misturam-se no convívio, diálogos e experiências com seus pares que pertencem aos mesmos grupos sociais e culturais que o cercam. A partir disso, buscamos analisar como estão organizadas as práticas educativas no Centro Convivência e Fortalecimentos de Vínculos de Palmas de Monte Alto-BA. Desta maneira, objetivamos, por meio deste texto, apresentar as discussões a partir das nossas vivências de estágio e dos diálogos estabelecidos com os sujeitos do referido espaço educativo não escolar.

METODOLOGIA

Minayo (2007) propõe que a abordagem qualitativa trabalha com um universo de significados, de motivos, aspirações, e valores, respondendo a questões particulares. Assim, sendo a Pedagogia concebida como a ciência que se encarrega dos processos educativos, que formam e são formados no berço social, as pesquisas pedagógicas possuem caráter qualitativo.

A partir dessa compreensão e da concepção apresentada de estágio como pesquisa, nossa experiência iniciou-se no dia 03 de junho e foi concluída em 09 de julho. No primeiro momento realizamos 20 horas de observação participante nas oficinas ofertadas nos turnos da tarde e noite. Em seguida, foi elaborado um plano de ação que foi desenvolvido em 20 horas. Para o auxílio dessa atividade, utilizamos o diário de campo, bem como conversas com os trabalhadores do local (conhecidos como oficineiros), com os responsáveis que levavam as crianças e esperavam fora das salas e com os participantes dos projetos. A intenção, nesse



momento era conhecer as práticas educativas desenvolvidas e o perfil dos sujeitos que frequentam o espaço.

O CCFV oferece oficinas de balé infantil, dança infantil, capoeira, arte para crianças, pintura, maquiagem, cabeleireiro, massagista, manicure, corte e costura, aeróbica para adultos e o encontro de idosos. A instituição apresenta um ambiente amplo e organizado, contando com dois pátios, e salas estruturadas a partir das necessidades de cada oficina. Existem também equipamentos de apoio para os trabalhos realizados, não sendo necessário que os participantes providenciem seu próprio material.

Atualmente, são assistidas aproximadamente 300 pessoas, e, em nossas observações, o público atendido variou entre crianças de 03 anos a idosos de 86 anos, abarcando, dessa forma, inúmeras culturas e relações, dos mais variados contextos. Dos trabalhos realizados as representações ou suas ausências, intencionalmente escolhidas para estampar seu ambiente, tudo ali constitui um processo de formação humana e identitária daqueles que frequentam o local.

A partir da rotina e interesses demonstrados, foi elaborado um plano de ação pedagógica relacionado às temáticas de identidade e ludicidade, visando contribuir para a formação dos sujeitos. As atividades realizadas envolveram literatura infantil, músicas, produções cinematográficas e artísticas com os grupos que frequentam o CCFV.

RESULTADOS/DISCUSSÃO

As ações foram realizadas com quatro grupos no formato de oficinas de pintura em tecido, capoeira, balé infantil e o grupo de idosos. Aqui, pelas determinações de estrutura do texto, discutiremos a partir somente das duas últimas.

Em nossa relação com o grupo de idosos notamos que muitos apresentam dificuldade em reconhecer seu valor e o valor das coisas que fizeram, o que por vezes os leva a se isolarem da sociedade. A partir dessa observação, foi proposta uma atividade que relacionasse suas



memórias e experiências de vida, a fim de que conseguissem perceber a relevância das suas ações para a sociedade.

Para alcançar esse objetivo, utilizamos a literatura “Guilherme Araújo Fernandes”, onde um garoto recupera memórias perdidas através de objetos. Então convidamos os idosos a levarem objetos pessoais que representassem momentos importantes em suas vidas, a partilha de suas narrativas foi feita através de um “baú de memórias”. Após esse momento, todos foram incentivados a deixar um conselho para as novas gerações a partir das vivências e aprendizados de sua jornada. Esses foram registrados em um painel para serem vistos pelas pessoas que frequentam o CCFV.

Durante as atividades, um dos idosos comenta: *“Eu pensava que cês jovens não ligavam pra nós não, por que nós somos velhos e quase ninguém dá atenção”*, feliz em perceber que sua história não seria esquecida.

O que despertou nossa atenção para a escolha da proposta do balé, foi o desenho feito por uma das crianças em nosso diário de campo. Sua “boneca bailarina” – com trancinhas no cabelo, iguais as que ela mesma possuía – não tinha o penteado como o das bonecas das outras colegas, gerando inquietações entre o curioso grupo. Naquele momento, notamos a necessidade de ampliar a representação do ser bailarina.

Notamos a ausência de representatividade das meninas negras nas paredes da sala de balé, adesivadas apenas com imagens de meninas brancas, aquelas que perpassam o imaginário popular e o padrão de bailarina. Assim, construímos uma proposta com a literatura: “A bailarina que pintava suas sapatilhas”, que conta a história de Ingrid Silva, uma bailarina brasileira que se incomodava com a falta de representatividade negra no balé.

Em discussão com as meninas, muitas relataram que nunca havia “parado para pensar” na relevância dessa situação, mas a partir daquela reflexão, perceberam como não se sentiam representadas naquele espaço. Foram então convidadas a representarem a si mesmas, através de desenhos e pinturas que adornariam o ambiente, percebendo o que as faziam iguais e diferentes umas das outras.



Ressaltamos uma situação onde uma das crianças procurava o lápis de cor para pintar seu desenho e, olhando para as colegas, pede o “lápis cor de pele” mas se corrige quase instantaneamente: “Opa, o lápis rosa claro”. Por esse e outros acontecimentos presenciados, acreditamos que nossas ações tenham agregado positivamente na formação humana e crítica das crianças, jovens, adultos e idosos que as vivenciaram.

CONCLUSÃO

Adentrar um espaço ao qual não estamos habituados, a princípio, nos trouxe a sensação de estranhamento e insegurança, entretanto, o diálogo estabelecido com as coordenadoras e funcionários antes, durante e após o estágio fizeram com que essa se tornasse uma experiência agradável. O carinho e acolhimento de todos os sujeitos permitiram que nos sentíssemos confortáveis em participar ativamente das atividades desenvolvidas no espaço.

Destacamos a importância do estágio como espaço de pesquisa, bem como a aproximação da universidade com os espaços educativos não formais, validando o conceito de que, onde há processos educativos, a presença de pedagogos é fundamental. Em relação às contribuições acadêmicas, a realização desse estágio nos guiou em um movimento de pensar e “repensar” papel do (a) pedagogo (a), tão centrado no trabalho em sala de aula e no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 19 ed. São Paulo: Brasiliense, 2007, p. 3.

LIMA, Maria Socorro Lucena; PIMENTA, Selma Garrido. Estágio: diferentes concepções. In: _____. **Estágio e Docência**. 6º ed. São Paulo: Cortez, 2011, p.33 – 57.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 25. Ed. Ver. Atual. Petrópolis: Vozes, 2007. 108p.